

As agências de notícias portuguesas/em Portugal: Um contributo para a sua história

*The Portuguese/in Portugal news agencies:
A contribution to their history*

José das Candeias Sales

Universidade Aberta; CHUL
jose.sales@uab.pt
ORCID ID: [0000-0003-1087-1478](https://orcid.org/0000-0003-1087-1478)

Susana Mota

Investigadora Independente
susana-mota@hotmail.com
ORCID ID: [0000-0002-4819-6239](https://orcid.org/0000-0002-4819-6239)

Resumo: No âmbito do Projecto de Investigação intitulado *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*, na área da recepção do antigo Egipto, dedicado à identificação, recolha e análise das notícias publicadas nos periódicos portugueses sobre a descoberta e escavação do túmulo do faraó Tutankhamon (1333-1323 a.C.), confrontámo-nos com a necessidade de aprofundar o nosso conhecimento sobre a realidade da imprensa portuguesa nas décadas de 20 e 30 do século XX, particularmente no que respeita às agências de notícias. Neste domínio, percebemos que a história das agências de notícias em Portugal — portuguesas e estrangeiras — não só é significativamente parca como apresenta também bastantes lacunas e ideias erróneas. São disso exemplos a ideia de que a *Havas* terá sido não só a primeira agência estrangeira a trabalhar com os jornais portugueses, como também a única durante muitos anos e a certeza de que a primeira agência portuguesa, a *Lusitânia*, foi criada apenas em 1944, por Luís Lupi. Com vista a sanar as imprecisões identificadas, focámos a nossa atenção nos anos 20 do século XX e conduzimos uma consulta exaustiva de alguns jornais publicados à época (por exemplo: *A Capital*, *Diário de Lisboa* e *Correio da Manhã*), com o objectivo de identificar as agências responsáveis pelas notícias telegráficas publicadas (nomeadas por extenso ou por siglas no final do texto). Esta investigação permitiu, no que respeita às agências estrangeiras, identificar a presença nos jornais portugueses não só da *Havas*, como também da *Americana* e da *United Press*; relativamente às agências portuguesas, percebemos que a primeira, a *Latino-Americana*, foi criada por Virgínia Quaresma, em 1921, e que, além desta, também a *Agência Radio* e uma outra *Lusitânia*, homónima da de Luís Lupi, tiveram uma forte presença nos jornais portugueses durante os anos 20 do século XX.

Palavras-chave: agências de notícias; Havas; Latino-Americana; Agência radio; Lusitânia.

Abstract: *In the context of the Research Project entitled Tutankhamon in Portugal. Reports in the Portuguese press (1922-1939), in the area of the Reception of ancient Egypt, dedicated to the identification, gathering and analysis of the news published in Portuguese periodicals about the discovery and excavation of the tomb of pharaoh Tutankhamun (1333-1323 BC), we were confronted with the need to deepen our knowledge about the reality of the Portuguese press in the 1920s and 1930s of the 20th century, particularly with regard to news agencies. In this domain we realized that the history of news agencies in Portugal — Portuguese and foreign — is not only significantly scarce, but also presents many gaps and misconceptions. Examples are the idea that Havas was not only the first foreign agency to operate with Portuguese newspapers, but also the only one for many years, and the certainty that the first Portuguese agency, Lusitânia, was created only in 1944, by Luís Lupi. In order to clarify the inaccuracies identified, we focused our attention on the 1920s of the 20th century and conducted an exhaustive consultation of some newspapers published at that time (for example: A Capital, Diário de Lisboa and Correio da Manhã), in order to identify the agencies responsible for the telegraphic news published (named in full or by acronyms at the end of the text). This research allowed us, as far as foreign agencies are concerned, to identify the presence in Portuguese newspapers not only of Havas, but also of the Americana and United Press; as far as Portuguese agencies are concerned, we realized that the first one, Latino-Americana, was created by Virgínia Quaresma, in 1921, and that, besides this one, Agência Radio and another Lusitânia agency, homonymous with that of Luís Lupi, had a strong presence in Portuguese newspapers during the 1920s of the 20th century.*

Keywords: news agencies; Havas; Latino-Americana; Agência Radio; Lusitânia.

Introdução

O projecto de investigação *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*, na área dos estudos de recepção do antigo Egipto, dedicado à identificação, recolha e análise das notícias publicadas nos periódicos portugueses sobre a descoberta e escavação do túmulo do faraó Tutankhamon (1333-1323 a.C.), conduziu à necessidade de conhecer,

de forma mais consistente, a imprensa portuguesa no período em causa e a nossa progressiva percepção sobre a tipologia da maioria das notícias identificadas deu origem a uma investigação aprofundada sobre as agências de notícias em Portugal.

Entre 1922 — data da descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon — e 1939 — ano da morte de Howard Carter (1874-1939), o descobridor do túmulo, e simultaneamente ano da descoberta de outros túmulos intactos em Tânis (Delta Oriental do Nilo, Egipto), pelo arqueólogo francês Pierre Montet (1855-1966), foram publicadas 234 notícias, em 28 diferentes periódicos portugueses, todas relacionadas directa ou indirectamente com a “maravilhosa descoberta no Vale” (Reeves, 2000, p. 160; Hawass, 2006, p. 107)¹, sendo que 143 dessas notícias (61.1%) são textos provenientes de agências de notícias².

Assim, inicialmente, focámos o nosso trabalho na identificação das agências presentes no nosso *corpus* (Tabela 1). Contudo, a consulta empreendida dos jornais, assim como algumas lacunas detectadas na bibliografia, acabaram por, por um lado, chamar a nossa atenção para a existência de outras agências a actuar em Portugal à época e, por outro, para a necessidade de complementar as informações existentes e sanar os “vazios” identificados. Deste modo, foi possível obter uma visão mais clara do universo das agências de notícias — portuguesas e estrangeiras — que actuavam em Portugal nos anos 20 do século XX.

Tabela 1

Identificação e contabilização das agências telegráficas presentes no corpus de notícias sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon nos jornais portugueses

		Identificação da origem da notícia						Total por ano
		Radio (R.)	Lusitânia (L.)	Havas (H.)	DNB	Reuter	Sem informação	
Ano de publicação	1922	1	0	0	0	0	0	1
	1923	46	0	3	0	0	13	62
	1924	21	34	3	0	0	10	68
	1925	2	1	0	0	0	1	4
	1939	0	0	4	3	1	0	8
Total por agência		70	35	10	3	1	24	143

Fonte: Elaboração própria

1 A expressão é retirada do telegrama que Howard Carter enviou a Lord Carnarvon dando-lhe conta da descoberta (Reeves, 2000, p. 160; Hawass, 2006, p. 107).

2 Para mais detalhes sobre os periódicos e as notícias veja-se, por exemplo: (Sales & Mota, 2019a, 2019b).

O processo de recolha de informação: o que nos dizem os jornais sobre as agências de notícias em Portugal?

Confrontados com uma bibliografia que afirma, quase em uníssono, a exclusividade da agência *Havas* desde a sua chegada a Portugal em 1866, que é totalmente absoluta na afirmação de que a primeira agência de notícias portuguesa foi a *Lusitânia*, criada em 1944, e que, totalmente em consonância com os aspectos anteriores, é praticamente omissa sobre outras agências de notícias em Portugal/portuguesas, optámos por recorrer directamente aos jornais para perceber melhor qual foi, de facto, a realidade das agências telegráficas em Portugal concretamente durante os anos 20 do século XX.

Os jornais forneceram-nos informações de tipo quantitativo e de tipo qualitativo. Isto é, por um lado, é possível realizar uma contagem das notícias de agência publicadas em cada número do periódico consultado e, conseqüentemente, obter uma perspectiva quantitativa da presença de cada agência noticiosa identificada; por outro lado, os jornais também publicavam notícias sobre o que se passava no seu espectro de acção e das empresas/ pessoas com as quais trabalhavam, logo, muitas vezes, estamos a lidar, bastantes anos depois, com a melhor fonte de informação possível para responder a muitas das nossas questões.

Para exemplificar o processo de consulta levado a cabo e os resultados obtidos, remetem-se para os dados obtidos na consulta de dois jornais em concreto (o *Diário de Lisboa*³ e *A Capital — Diário Republicano da Noite*⁴) que, regra geral, identificam claramente a agência responsável pelas notícias telegráficas publicadas e que são de muito fácil acesso e metodologia de consulta por se encontrarem ambos disponíveis online.

Na Tabela 2 apresentamos, a título meramente exemplificativo, a contabilização das notícias de agência presentes nestes jornais entre 1921 (ano do início da publicação do *Diário de Lisboa*) e 1926 (ano do final da actividade regular d'*A Capital*), considerando dois meses por ano (Janeiro e Agosto, com excepção de 1921 em que a contagem começa em Abril, primeiro mês da publicação do *Diário de Lisboa*).

A identificação das agências é feita com base na informação que era colocada no final de cada notícia. Nos dois jornais em causa, esta informação aparece com a utilização da primeira letra do nome da agência (Figura 1). No entanto, a informação também poderia aparecer por extenso, isto é, o nome completo da agência ou o jornal poderia mesmo ter uma

3 O *Diário de Lisboa* foi um jornal lisboeta, vespertino, publicado regularmente entre 7 de Abril de 1921 e Novembro de 1990. Originariamente republicano foi um jornal de referência que esteve presente durante um longo período da história do país (Lemos, 2006, pp. 256-260). Ver: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/

4 *A Capital — Diário Republicano da Noite* foi um jornal lisboeta, vespertino, publicado regularmente entre 1 de Março de 1910 e 27 de Agosto de 1926. A partir desta data, a publicação é esporádica apenas para preservação de título. Era um jornal, tal como o título indica, republicano, com uma postura assumidamente doutrinária (Lemos, 2006, pp. 158-159). Ver: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/ACapital.HTM>

secção específica devidamente identificada (Figura 2). De notar ainda que nem sempre esta informação é colocada no final das notícias. Alguns jornais, como, por exemplo, *O Comércio do Porto*, raramente o fazem. E existem ainda os casos em que a notícia é identificada com a expressão ‘Especial’ ou com o nome do jornal. Teoricamente, a menção ‘Especial’ seria usada no caso dos telegramas que eram enviados, em especial, para determinado cliente (Crato, 1992, p. 99). No caso do jornal *O Século*, um grande número de textos aparece como sendo do próprio jornal, com a indicação ‘Século’. Na verdade, uma comparação exaustiva das notícias permitiu perceber que, tanto no caso das notícias identificadas com ‘Século’ como com ‘Especial’, a diferença para as publicadas noutros jornais é pouca, se é que chega a existir. Na Figura 3 podem ver-se exemplos destas diferentes situações.

Na realidade, como afirmam Fonseca e Carvalho (2017), fomos, na nossa investigação, confrontados com a necessidade de decifrar um conjunto de siglas e designações, de forma a perceber exactamente o que ou quem estava em causa.

Tabela 2

Contabilização das notícias de agências presentes no Diário de Lisboa e A Capital entre 1921 e 1926

	Notícias Identificadas		Agências											
			DL	C.	DL	C.	DL	C.	DL	C.	DL	C.	DL	C.
	Diário de Lisboa (DL)	A Capital (C)	Radio/R.	United Press / U.P.	Latino-americana / L.A.	Havas / H.	Americana / A.	Lusitânia / L.						
Abril 1921	184 (em 21 números)	188 (em 15 números)	184	0	0	0	0	0	0	111	0	77	0	0
Agosto 1921	288 (em 26 números)	194 (em 27 números)	129	6	143	0	0	0	1	148	15	40	0	0
Janeiro 1922	159 (em 25 números)	208 (em 23 números)	73	88	63	0	15	66	7	53	1	1	0	0
Agosto 1922	120 (em 23 números)	220 (em 21 números)	0	0	0	0	72	175	32	45	7	0	0	0
Janeiro 1923	174 (em 25 números)	89 (em 26 números)	151	0	0	0	0	0	23	89	0	0	0	0
Agosto 1923	92 (em 26 números)	190 (em 27 números)	57	133	0	0	0	0	5	46	1	0	29	11
Janeiro 1924	140 (em 25 números)	64 (em 24 números)	82	25	0	0	0	0	7	5	2	0	49	34
Agosto 1924	194 (em 26 números)	249 (em 26 números)	92	48	0	0	0	0	16	21	17	0	69	180
Janeiro 1925	208 (em 25 números)	184 (em 25 números)	84	60	0	0	0	0	21	37	1	0	102	87
Agosto 1925	234 (em 26 números)	224 (em 26 números)	0	0	0	0	0	0	116	141	22	0	96	83
Janeiro 1926	183 (em 25 números)	176 (em 25 números)	0	0	0	0	0	0	64	116	18	0	101	60
Agosto 1926	245 (em 26 números)	46 (em 19 números)	0	0	0	0	0	0	194	0	50	0	1	46

Fonte: Elaboração própria

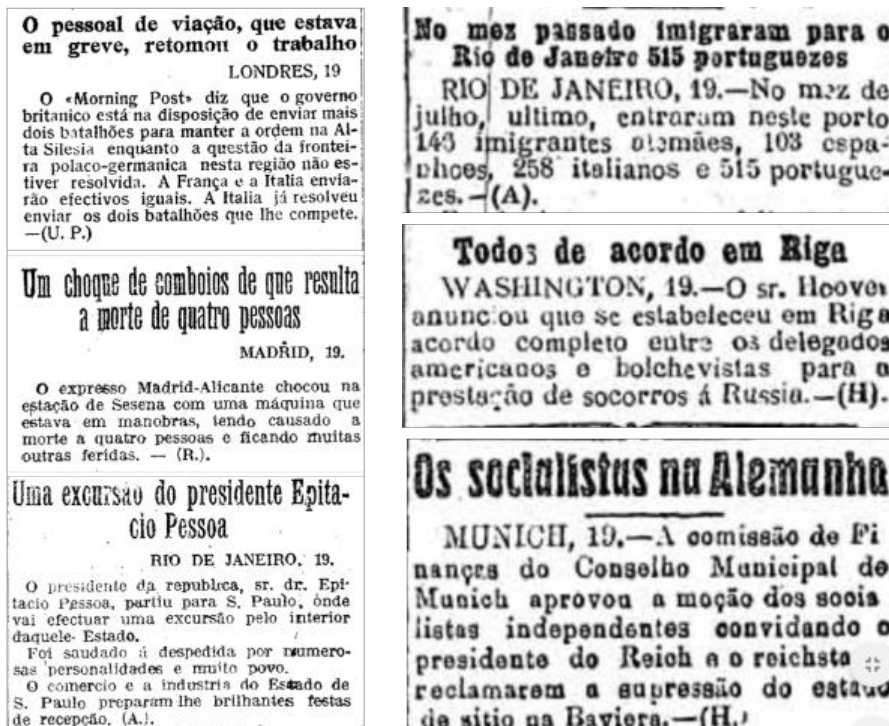


Figura 1
Exemplos de identificação de agência de notícias nos jornais
Diário de Lisboa e A Capital de 19 de Agosto de 1921
Fonte: *Diário de Lisboa* (1921, 19 de agosto); *A Capital* (1921, 19 de agosto)



Figura 2
Exemplos de identificação de agência de notícias no jornal
A Vanguarda de 19 de Agosto de 1921
Fonte: *A Vanguarda* (1921, 19 de agosto)



Figura 3

Exemplos de notícias com diferentes tipos de identificação (ou não) da agência telegráfica

Fonte: (A) *A Tarde* (13.02.1924); (B) *A Imprensa Nova* (14.02.1924); (C) *O Comercio do Porto* — Ed. da *Tarde* (14.02.1924); (D) *O Século* (14.02.1924)

O mito da exclusividade da agência *Havas* — as agências estrangeiras que actuavam em Portugal

A primeira agência telegráfica com a qual os jornais portugueses trabalharam foi, de facto, a *Havas*, a quem calhou, depois do acordo com as outras agências mundiais — *Reuter*, *Associated Press* e *Wolff*—, o domínio sobre o território português⁵.

Os primeiros despachos informativos da *Havas* chegaram a Portugal, ao jornal *Diário de Notícias*, a 10 de Março de 1866. Em Portugal, a *Havas* estava sediada na Casa Havaneza, no Chiado, em Lisboa, naquela que é actualmente a mais antiga tabacaria da cidade⁶. À sucursal de Lisboa da *Havas* chegavam os telegramas que eram enviados posteriormente para os jornais, mas que eram também afixados no local para poderem ser lidos pelos interessados.

Este papel da *Havas* como fornecedora de notícias, primeiro ao *Diário de Notícias* e depois aos restantes jornais nacionais, é geralmente assumido pelos Autores como sendo em exclusividade, isto é, a *Havas* seria a única agência a actuar em Portugal. Batista afirma:

⁵ A primeira versão deste acordo foi assinada em 1859 (Unesco, 1953, pp. 18-19).

⁶ Veja-se: <http://www.casahavaneza.com/pt/casa-havaneza-mais-de-150-anos-de-historia>

Foi neste contexto que nasceu o Diário de Notícias (DN) em 1864. Dois anos depois, o DN tornou-se o primeiro jornal português a publicar despachos de uma agência noticiosa, mais precisamente, a 10 de Março, ao iniciar a publicação das participações telegráficas da agência Havas, aproveitando o facto de esta ter ficado com o exclusivo da distribuição do noticiário em Portugal, depois do acordo de 1859.

Durante muitos anos, este foi o único sinal da presença das agências estrangeiras em Portugal, até porque, entretanto, o país conheceu novas revoluções e, em 28 de Maio de 1926, um novo golpe militar que provocou o fim da Primeira República, estabeleceu a ditadura e reinstalou a censura (Batista, 2007, p. 47).

Afirma-se, assim, não só a ideia da exclusividade da *Havas*, como o facto de esta exclusividade ser assumida por um período de mais de 60 anos, durante os quais nada de diferente teria ocorrido⁷. Miranda (2014), no entanto, abre um pouco mais o espectro de actuação das agências estrangeiras em Portugal, mas apenas relativamente ao *Diário de Notícias*, referindo a presença de agências como a *Fabra*, a *Agência Telegráfica Sub Marina*, a *Reuter*, a *Agência Peninsular*, a *Agência Americana Telegráfica* e a *Agência Bullier*. A mesma autora aponta também que a posição privilegiada da *Havas* se manteve até 1930, quando o mercado foi oficialmente aberto à *Reuter*, à *United Press* e à *Associated Press* (Miranda, 2014, p. 40).

A questão das agências a operar em Portugal parece, então, ficar relativamente definida: a *Havas* dominava, teoricamente com o exclusivo, e algumas outras agências poderiam igualmente surgir, pelo menos no *Diário de Notícias* (Miranda, 2005). No entanto, no que respeita à década de 20 do século XX, esta exclusividade da *Havas* no domínio das agências estrangeiras a actuar em Portugal não passa de um mito que a consulta dos jornais facilmente ajuda a desconstruir.

Como fica patente na Tabela 2, existiam pelo menos outras duas agências estrangeiras a trabalhar com os jornais portugueses: a *United Press* e a *Americana*.

Sobre a primeira não vamos entrar em grandes detalhes: trata-se de uma grande agência internacional ainda hoje em actividade, a americana *United Press International* (UPI), criada em 1907, em Nova York, por Edward Wyllis Scripps, em resultado da fusão de duas agências que detinha — a *Scripps-McRae Press Association* e a *Scripps News Association* — e uma terceira que adquiriu — a *Publishers Press Association*. Esta agência acabou por se posicionar internacionalmente em competição com a aliança formada pelas *Reuter-Havas-Wolff-Associated Press*, tendo provado a capacidade de uma só agência cobrir as notícias a nível mundial. Assim, a *United Press* foi a primeira agência Norte Americana a estar presente na América do

⁷ Silva (2002, p. 3) mantém esta mesma lógica de análise e destaca o vazio entre a chegada da *Havas* a Portugal e o Golpe Militar de 28 de Maio de 1926.

Sul, no Extremo Oriente e na Europa (Unesco, 1953). Nos jornais portugueses que consultámos, a *United Press* está presente apenas no *Diário de Lisboa*, logo desde Maio de 1921 (um mês depois da abertura do jornal)⁸.

A agência *Americana* foi-nos dada a conhecer através de notícias publicadas em jornais brasileiros que esclarecem sobre a sua origem e âmbito. Temos o exemplo da notícia publicada no jornal *O Paiz* (Rio de Janeiro), a 10 de Outubro de 1909, onde podemos ler:

AGENCIA AMERICANA

Encetamos hoje um novo serviço telegráfico, inaugurado pela Agencia Americana, fundada para estreitar e desenvolver as relações de imprensa entre todas as Republicas da America, e tambem para pôr em contacto mais intimo os jornaes de todos os Estados do Brazil. O serviço da America do Sul, iniciado hoje pela Agencia Americana, é apenas, por ora, o primeiro passo para um systema completo de informações politicas, industriaes e commerciaes. É uma iniciativa particular destinada, acreditamos, a brilhante successo. (...) (*O Paiz*, 1909, 10 de Outubro)⁹.

No jornal *A Notícia*, também do Rio de Janeiro, num texto de 8 de Outubro de 1909, escreveu-se:

AGENCIA TELEGRÁFICA

Varios jornaes de domingo devem iniciar a publicação de um novo serviço telegráfico da Agencia Americana fundada aqui com excelentes elementos de actividade e competência.

Até agora, em geral, a imprensa se preocupa muito mais com informações telegraphicas do velho continente, do que com as da America; e sabemos, ás vezes mais rapidamente o que se passa na Russia do que o que ocorre no Uruguay.

É a esta omissão que vem attender a nova agencia (...) (*A Notícia*, 1909, 8 de Outubro)¹⁰.

A *Agência Americana* era, pois, uma agência brasileira, fundada no Rio de Janeiro, no início de Outubro de 1909¹¹, tendo por objectivo funcionar como um serviço de informação que visava aproximar os países da América do Sul. No entanto, o serviço desta agência acabou por ultrapassar largamente estas fronteiras, tendo chegado à Europa, pelo menos em 1916. Identificámos referências a esta agência no jornal francês *Le Temps*, a 28 de Janeiro de

8 Sobre a presença da UPI em Portugal a partir da década de 1950 ver Fonseca (2019, pp. 139-149).

9 Ver: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/21100 [acesso em 13/04/2017].

10 Ver: <http://memoria.bn.br/DocReader/830380/15510> [acesso em 13/04/2017].

11 Segundo Seixas (2004, p. 138), esta agência terá sido fundada em 1908 por Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque e De Ambris.

1916¹², e em Portugal, no jornal *A Capital*, em Maio do mesmo ano. Aliás, neste jornal, durante muito tempo, antes da década de 20, a *Americana* é a única a aparecer a par da *Havas*. A *Americana* teve uma sucursal em Portugal que, pelo menos desde 1919, era dirigida por Virgínia Quaresma (Figura 4).

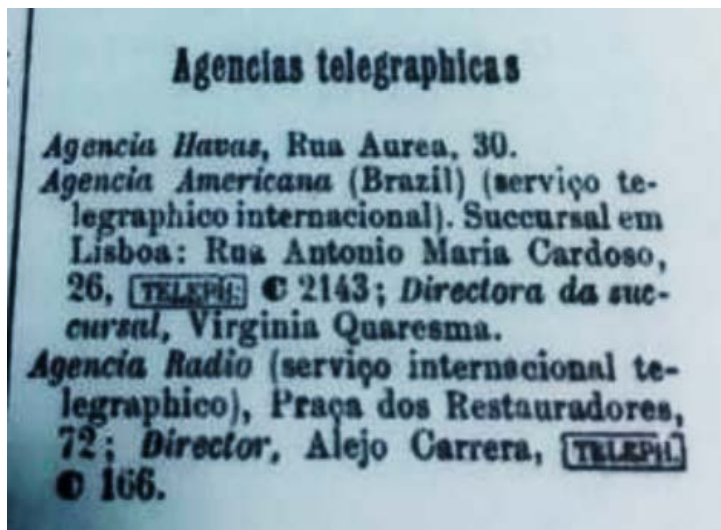


Figura 4
Anúncio à Americana no Anuário
Comercial de 1919
Fonte: Anuário Comercial (1919)

Em suma, remetendo novamente para a Tabela 2, fica claro que ainda que a *United Press* estivesse apenas presente no *Diário de Lisboa* e apenas nos dois primeiros anos da sua publicação e que a *Americana* apesar de ter uma presença constante numa foi dominante, ambas as agências tinham actividade em Portugal, sendo, a par da *Havas*, as representantes das agências telegráficas estrangeiras com as quais os jornais portugueses trabalhavam.

As (desconhecidas) agências de notícias portuguesas: *Latino-Americana, Radio e Lusitânia*

Se no domínio das agências estrangeiras a actuar em Portugal no período em causa a bibliografia é praticamente unânime, quando o assunto é a existência de uma agência de notícias portuguesa a unanimidade é absoluta: a primeira agência portuguesa é a *Lusitânia*, fundada por Luís Caldeira Lupi, em 1944, inaugurada a 30 de Dezembro (Fonseca, 1995, p. 73). De acordo com Baptista (2007, p. 49), Portugal e o Luxemburgo eram, em 1944, os únicos países europeus sem uma agência noticiosa nacional. Mais à frente, o mesmo autor afirma:

12 Ver: <http://www.retronews.fr/journal/le-temps/28-janvier-1916/123/643579/1> [acesso em 13/04/2017].

Várias décadas passaram após o surgimento mundial da primeira agência noticiosa, até que em Portugal se materializou a mais-valia que representava ter uma estrutura deste género a operar em território nacional, propriedade de portugueses, dirigida por portugueses e que desse uma relevância maior às notícias relacionadas, directa ou indirectamente, com o país.

Acabou por ser a *Lusitânia*, em 1944, a terminar com este hiato de 109 anos (...) (Baptista, 2007, p. 53).

No entanto, tal como acontece com as agências estrangeiras, também aqui a consulta aos jornais provocou a necessidade de rever as ideias estabelecidas. Como pode observar-se na Tabela 2, além das estrangeiras *Havas*, *United Press* e *Americana*, temos ainda presentes a *Radio*, a *Latino-Americana* e uma outra *Lusitânia*.

A “agência” *Radio*

A agência *Radio* foi a maior fornecedora de notícias aos jornais portugueses sobre a descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon (Tabela 1) e nos dois jornais consultados — o *Diário de Lisboa* e *A Capital* — assume, em vários momentos, a primazia em número de notícias publicadas (Tabela 2), ou seja, é fácil perceber que estamos perante uma agência que teve, de facto, um grande peso no fornecimento de notícias telegráficas aos jornais portugueses na década de 20 do século XX. Mas que agência era esta?

A história da *Radio*, assim como a do seu director/ proprietário Alejo Carrera Muñoz (1893-1967), tal como são apresentadas pelos jornais da época e também por algumas outras fontes (por exemplo, do Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros), está repleta de mistérios e mal-entendidos, revelando contornos pouco claros e por vezes difíceis de perceber e estruturar¹³. Ainda assim, é possível traçar o percurso da *Radio* nos jornais portugueses ao longo dos anos 20, sendo que, na realidade, o início da sua presença remonta a 1918, com aparições fugazes no jornal *A Capital*, com poucas notícias e sempre relacionadas com a I Guerra Mundial. A colaboração regular com os periódicos nacionais estabelece-se a partir do final de 1920.

Supostamente, esta *Radio* seria a agência francesa *Agence Radio*, fundada a 4 de Fevereiro de 1916 sob a direção de Henri Turot¹⁴; agência de cariz nacional que terá encerrado em 1940 (Unesco, 1953: 16). Alejo Carrera, um galego fixado no nosso país desde 1908, teria sido

13 Neste texto vamos explorar apenas os aspectos essenciais desta empresa e do seu director. Para análises mais detalhadas ver: Sales e Mota (2018a, 2018b, 2018c).

14 De acordo com Unesco (1953, p. 142), a *Agence Radio* teria sido fundada em 1918, contudo, numa notícia publicada a 30 de Novembro de 1917, no *Le Matin*, o próprio director informa da data de fundação da agência. Ver <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5723387/f1.item>

da a legis-

Festa de caridade
Matinée concerto

“Radio,,

A agência «Radio» Sociedade autónoma com o capital de cinco milhões de francos, cuja sede social é em Paris, 42, rue Louis Le Grand, comunica-nos que nenhum laço nem nenhuma relação tem com a agência «Radio» com sede em Lisboa.

Conve
que o
compror
Governac
gulamer
lo Pode
das Fins
Cunha I
vir mel
ardentes

O sr.
real do

A Província na “Capital

Hoje
es
(teatro)
cesso
cara
o tenor

Figura 5

Notícia publicada n'A Capital

Fonte: Jornal A Capital (1922, 07 de abril, p.2)

A AGENCIA “BERA”
do sr. Alejo Carrera

Rima e é verdade...
Em resposta ao que temos aqui escrito da função germanofilia da Agência Radio —que até pelo nome *vigarisa*, pois imitou o da verdadeira Radio, de Paris—recebemos ontem um officio, em mau português; a dizer-nos que de depois de amanhã em diante os seus serviços aumentarão só 100 %, devido ao preço das pesetas, dos francos e das libras...
Como se nós não conhecessemos o processo!...
Esta nossa Radio-bera comprou a agência das *Messageries de la Presse*, da qual extrai os telegramas, que distribue a bom preço pelos jornais, retendo os periodicos franceses até depois de impingir esses telegramas!
Por nós, desde já declaramos dispensar os seus tendenciosos serviços de informação—na certeza de que continuaremos a tê-los tão bons como até agora. E esperamos ser acompanhados nesta attitude por todos os nossos colegas anti-germanofilos e patriotas verdadeiros.
Quanto ás pesetas e libras, a que se refere o sr. Alejo Carrera, devem ser aquelas que recebe fartamente da sua bela propaganda paga pela Alemanha.
Ficamos por aqui...

Figura 6

Notícia publicada pelo jornal Imprensa Nova sobre Carrera e a sua ‘agência’ Radio

Fonte: Imprensa Nova (1923, 30 de janeiro, p.1)

o responsável pela chegada desta agência a Portugal, primeiro enquanto correspondente da mesma e, depois, enquanto director da sucursal da *Agence Radio* em Lisboa (Paramés, 2013, p. 144; Sales & Mota, 2018b). A *Radio* aparece listada no Anuário Comercial na secção das agências telegráficas a partir de 1919 (Figura 4).

No entanto, uma notícia publicada no jornal *A Capital*, a 7 de Abril de 1922, obriga a questionar a verdadeira origem e funcionamento da *Radio* em Portugal (Figura 5). A *Radio* francesa afirma, claramente, não ter qualquer associação com a agência de Alejo Carrera. E esta não será a única vez que o fará, como veremos adiante.

No ano seguinte, a 30 de Janeiro de 1923, o jornal *Imprensa Nova*, no âmbito de uma acesa disputa com Carrera que envolvia acusações de germanofilia e de publicação de notícias difamatórias de Portugal no estrangeiro, escrevia que a *Radio* que actuava em Portugal copiara o nome da original francesa e que se limitava a retirar as notícias dos jornais franceses e depois a distribui-las pelos jornais nacionais, actuando, assim, não como uma agência de notícias, mas como uma ‘agência de recortes’ (Figura 6). A mesma acusação é repetida a 9

de Fevereiro de 1923: “(...) Mais uma vez repetimos que Dom Alejo Academico retém em seu poder os jornais estrangeiros que veem para o nosso país, e que só são distribuídos às redações 36 horas depois de Don Alejo ter feito o seu jogo germanófilo e financeiro (...)” (*Imprensa Nova*, 1923, 9 de Fevereiro).

Esta perspectiva não era, contudo, partilhada por todos os jornais que trabalhavam com a *Radio. A Tribuna*, a 27 de Janeiro de 1923, não hesita em identificar Alejo Carrera como “representante de uma empresa estrangeira de informação” e *O Correio da Manhã*, a 7 de Fevereiro de 1923, anuncia:

O director da Agencia Radio em Lisboa, sr. Alejo Carrera, escreveu-nos uma carta em que responde a arguições que lhe tem sido feitas sobre a transmissão de falsas noticias para o estrangeiro e sobre as tendências germanophilas das informações da sua agencia acerca da questão do Ruhr. Da primeira accusação a que o sr. Carrera se refere não nos fizemos echo, o que nos dispensa de nos determos sobre essa parte da sua carta. Quanto ao segundo assumpto, é verdade que n’este jornal se tem falado das insuficiências, inexactidões e deturpações que se notam no serviço das agencias acerca da questão do Ruhr e d’outras. Mas não nos temos referido, n’esse particular, nem especialmente á agencia Radio, nem portanto e muito menos á sua delegação em Lisboa. (...) e o sr. Carrera, pela sua parte, cremos que não faça mais do que transmitir aos jornais portuguezes o veneno que recebe da sede da agencia que representa em Lisboa (*O Correio da Manhã*, 1923, 7 de Fevereiro).

Assim, percebe-se que não havia uma certeza quanto à natureza da *Radio* nem quanto à sua relação com a agência homónima de Paris, apesar de a notícia feita publicar n’*A Capital* (Figura 5). O próprio Alejo Carrera, perante este contexto que o punha em causa a ele e à sua empresa, nunca se decidiu, porém, a clarificar a situação. Aliás, pode mesmo dizer-se que ele contribuiu para alimentar a dúvida. Afirmamo-lo devido não só à forma como anunciava a sua empresa no *Anuário Comercial* (Figura 7 e 8), como também pelo seu modelo de negócio de disponibilização de periódicos e notícias.

Na Torre do Tombo¹⁵ encontra-se uma carta de oferta de serviços enviada por Alejo Carrera, a 1 de Março de 1923, ao Director-Geral do Ministério do Interior, informando-o sobre um novo serviço disponibilizado pela sua agência. No cabeçalho do documento, a *Radio* é identificada como “Agencia de informações de todo o mundo”, tendo sede em Lisboa e uma sucursal no Porto. Afirma-se também que a Radio tem “agências em Madrid, Barcelona, Bilbao, Paris, Bruxelas, Londres, New-York, Washington, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Roma,

15 Documento com o código de referência: PT/TT/MI-SG/9-5/128 — Ministério do Interior, Secretaria-Geral, mç. 328, lv. 5, n.º 69 (<http://digitalq.arquivos.pt/details?id=4370804>).

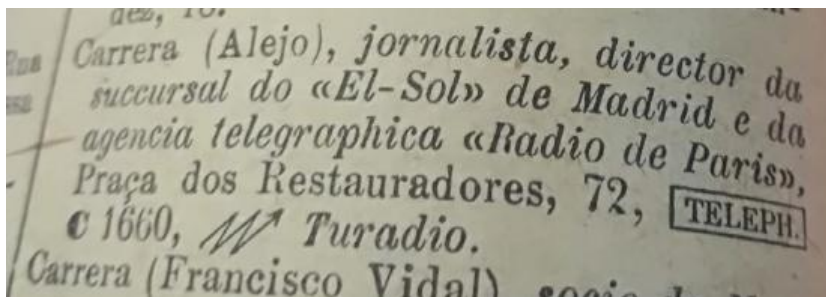


Figura 7
 Apresentação de Alejo Carrera no Anuário
 Comercial de 1921
 Fonte: Anuário Comercial (1921)



Figura 8
 Secção de agências telegráficas no
 Anuário Comercial de 1921
 Fonte: Anuário Comercial (1921)

Berlin, Viena, Haya, Berne Stockolm, etc.”. Depois de uma introdução sobre as exigências de informação do mundo moderno, a carta refere:

(...) A Agencia ‘RADIO’ acaba de realizar uma organização especial para fornecimento de recortes de todos os jornais, revistas, etc. de Portugal, Espanha, França, Belgica e Inglaterra. (...) Para realizar este serviço a Agencia ‘RADIO’ contratou um especialista deste género e numeroso pessoal encarregado de examinarem todos os jornais e revistas que se editam em Portugal e nos paizes estrangeiros já citados (Torre do Tombo PT/TT/MI-SG/9-5/128).

Esta oferta de serviços da *Radio* levanta a questão: estaria a agência a estender a privados (políticos, artistas, empresários, etc.) o mesmo tipo de serviços que já prestava, de forma menos explícita, aos jornais ou acrescentou agora ao seu trabalho de agência telegráfica uma nova valência: serviço de recortes?

Independentemente da incerteza em torno da sua natureza — que nós identificamos agora, mas que não sabemos até que ponto era patente à época —, a relação da *Radio* com os jornais não foi afectada uma vez que ela era, na maior parte do tempo, a sua principal fornecedora de notícias telegráficas (Tabela 2). Contudo, em 1925, no seguimento da Revolução de

18 de Abril¹⁶, a situação de Carrera e da *Radio* sofreu um novo revés que resultou na expulsão do jornalista-empresário do nosso país. Curiosamente, a expulsão foi revertida após carta oficial do responsável pela *Agence Radio* onde, novamente, é afirmado que a *Radio* francesa e a *Radio* portuguesa não tinham qualquer ligação¹⁷.

Em suma, tudo aponta para que, ao contrário do que Alejo Carrera fazia crer — não nos podemos esquecer que era ele quem fazia chegar ao *Anuário Comercial* a informação a ser publicada —, a *Radio* que ele dirigia em Portugal não só não tinha qualquer ligação, para além do nome, com a *Agence Radio*, como tudo aponta para que não fosse, de facto, uma verdadeira agência de notícias. Infelizmente, as fontes a que tivemos acesso não nos permitem afirmar com total certeza qual a natureza da *Radio* de Carrera. Não obstante, seja qual for a sua natureza, nada pode obliterar a relevância que esta agência portuguesa teve no fornecimento de notícias aos jornais portugueses na década de 20 do século XX.

A pioneira *Latino-Americana*

A *Latino-Americana*, tal como a *Radio*, é uma agência indissociável da sua directora/proPRIETÁRIA, neste caso, a jornalista, publicitária, empresária, feminista e pioneira Virgínia Quaresma (1882-1973)¹⁸.

Virgínia Quaresma, depois de se firmar enquanto jornalista, primeiro em Portugal e depois no Brasil, acabou por entrar no mundo das agências de notícias, tendo assumido a função de directora da sucursal de Lisboa da agência *Americana* (Figura 4). Antes disso, em 1918, entrou também na área da publicidade, tendo fundado a sua própria agência que começou por se chamar *Atlântida — Escriptorio de publicidade em todos os jornaes nacionais e estrangeiros*, para, no ano seguinte, mudar de designação para *Escriptorio de Publicidade Latino-Americano* (figuras 9 e 10).

16 Revolta militar contra o Governo, por iniciativa de monárquicos e nacionalistas. Lideram-na Filomeno da Câmara, Sinel de Cordes e Raul Esteves. Foi declarado o estado de sítio e a censura à imprensa.

17 Processo de Carrera no Arquivo Histórico Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros: 9CÓD. REFERÊNCIA: PT/AHD/3/MNE-SE-DNPEC/DGNPD-RNP/028/000002 — TÍTULO: Movimento revolucionário em Lisboa. Prisão e expulsão de Alejo Carrera __Proc.66; 103 (353,2 do CF da RNP até anos 30) (75450)

18 Para uma perspectiva mais aprofundada sobre virgínia Quaresma e sobre a sua agência ver: (Sales & Mota, 2020).

Quaresma, Limitada, agência de publicidade, Rua Antonio Maria Cardoso, 26, TELEPH. C 2143, // Atlantida. Quaresma (Virginia), directora techn. do escript. de publicidade Latino-Americano, Avenida Palace.

Quaresma, Limitada, agência de publicidade, Rua Antonio Maria Cardoso, 26, TELEPH. C 2143. Quaresma (Virginia), directora techn. do escript. de publicidade Latino-Americano, Rua Antonio Maria Cardoso, 26, TELEPH. C 2143.

AGÊNCIAS

Escriptorio de Publicidade Latino-Americano

SÉDE GERAL: Rua Antonio Maria Cardoso, 26
TELEPHONE: Central 2143

SUCCURSAES: No Porto, Rua 51 de Janeiro; em Paris, Rue Edouard VII, 4; no Rio de Janeiro, Avenida Rio Branco, e correspondentes em todos os outros grandes centros mundiaes.

PROPAGANDA COMMERCIAL E INDUSTRIAL NA EUROPA E NA AMERICA
CONTRACTOS COM TODOS OS JORNAES NACIONALES E ESTRANGEIROS
Anuncios - Publicações redigidas - Cartazes

Directora technica: VIRGINIA QUARESMA, jornalista.
Director gerente: CARLOS DA GUERRA QUARESMA, capitalista.
Redactor chefe: JAYME SERRA.
Pessoal do expediente: EDUARDO QUARESMA, chefe, e LUIZ GOMES.

REDAÇÃO: Reynaldo Ferreira, redactor do *Século*; Carlos Portugal Ilhóru, redactor de *A Capital*; Adriano de Vasconcelos, redactor de *A Capital*; Altino Guimarães, redactor de *O Liberto*; Affonso de Azevedo, redactor de *A Manhã*; Odonir Cesar, redactor de *Diário de Notícias*; Mario de Almeida e Silva Passos, escriptores.

SEÇÃO ARTISTICA: Stuart Cervilhas e Armando Basto.

Figura 9

Referências a Virgínia Quaresma, no *Anuário Comercial*, enquanto Directora Técnica do Escriptorio de Publicidade Latino-Americano

Fonte: *Anuário Comercial* (1919 e 1920)

Figura 10

Anúncio ao Escriptorio de Publicidade Latino-Americano no *Anuário Comercial*

Fonte: *Anuário Comercial* (1919)

Em 1921, Virgínia deu o passo seguinte: servindo-se da sua experiência enquanto jornalista, enquanto directora de uma sucursal de uma agência telegráfica e da empresa que já detinha, acrescentou ao seu portfolio uma nova valência, criando aquela que todos os dados apontam para que seja, de facto, a primeira agência de notícias portuguesa: a *Latino-Americana*.

A agência de notícias *Latino-Americana* começou a operar em meados de Outubro de 1921 e a sua presença nos jornais nacionais é identificável até ao final de 1922 (figura 11), ainda que continue a aparecer listada no *Anuário Comercial* até 1929. Ou seja, estamos perante uma agência pioneira que, embora tenha sido bem recebida pelos periódicos nacionais, não perdurou. Foi aquilo que podemos apelidar de um empreendimento de curta duração.

Agencias telegraphicas

Agencia Latino-Americana (serviço telegraphico internacional). Séde em Lisboa: Rua Antonio Maria Cardoso, 26, TELEPH. C 2143, // Latimerica. Directora dos serviços, Virginia Quaresma.

Agencia Havas, Rua Aurca, 30.

Agencia Radio (serviço internacional telegraphico), Largo de S. Domingos, 11, TELEPH. C 5351. Director, Alejo Carrera, TELEPH. C 5351, // Turadio.

Empresa Latino-Americana

CONSTITUIDA EXCLUSIVAMENTE COM CAPITAES PORTUGUEZES MONTARÁ UM SERVIÇO TELEGRAPHICO INTERNACIONAL

Consta que a Empresa de Publicidade Latino-Americana, constituida exclusivamente com capitaes portuguezes, está a montar serviços telegraphicos que serão extensivos aos principaes paizes da Europa e da America, tendo por norma o levantamento do nome de Portugal no estrangeiro. Segundo consta tambem, a ser assim, a nossa illustre colega sr.ª D. Virginia Quaresma que faz parte da empresa proprietaria da Latino-Americana, desligar-se-ha da Agencia Americana que, como se sabe, é uma instituição brasileira, encarregando a sua direcção ao sr. dr. João de Barros.

Figura 11

A *Latino-Americana* no *Anuário Comercial*
Fonte: *Anuário Comercial* de 1922

Figura 12

Notícia publicada n' *O Século* sobre a constituição da *Latino-Americana* enquanto agência telegráfica
Fonte: jornal *O Século* (1921, 04 de outubro, p.2)

Duas notícias de jornal são essenciais para conseguir reconstruir a história desta agência. A 4 de Outubro de 1921, o jornal *O Século* publicou uma notícia muito esclarecedora sobre a criação da agência, aludindo à constituição da *Latino-Americana* enquanto uma agência telegráfica internacional de origem portuguesa, liderada por Virgínia Quaresma, que, posicionando-se enquanto concorrência, abandona a sua antiga posição na *Americana* (figura 11).

A 5 de Dezembro de 1921, o jornal *A Capital* publicou um longo texto que poderá ser entendido tanto como uma previsão, como uma justificação da curta duração da actividade da *Latino-Americana*:

AGENCIA LATINO-AMERICANA

É justíssimo que o governo lhe conceda as prerrogativas de ordem moral que solicita.

Esta agencia telegráfica de serviço internacional exclusivamente portuguesa, fundada com capitais portugueses, apresentou aos poderes públicos uma representação pedindo certas prerrogativas de ordem moral para que melhor possa desempenhar o papel que se impoz de estabelecer uma vastíssima rede telegráfica de propaganda do nosso paiz que por vezes tão maltratado tem sido por certas agencias estrangeiras.

A Agencia Latino-Americana propõe-se ligar o paiz com as mais remotas regiões do mundo para tornar conhecidas todas as modulações da nossa vida social, impedindo as deturpações que tanto nos tem prejudicado no conceito mundial: ligar as colonias com a metrópole com o levantado objectivo de intensificar a propaganda dos seus produtos o noticiar os progressos da sua civilização. Parte deste programa está já executado e a Agencia Latino-americana tem conquistado um lugar de destaque pela sua informação cuidada e minuciosa.

A exemplo do que em outros países se pratica que quasi todos teem agencias que os servem nos seus objectivos de expansão, chegando até a subsidia-las, natural é que o governo atenda os justos fundamentos de representação da Agencia Latino-americana, tanto mais que ela só pede auxilio de ordem moral.

Entendemos até que o governo não deve hesitar para que tenha á sua disposição gente portugueza dirigindo serviços de informação, que por esse meio possa contrariar os efeitos das notícias tendenciosas que tantas vezes de Badajoz, por exemplo, tem sido espalhadas aos quatro ventos, desacreditando o paiz (*A Capital*, 1921, 5 de Dezembro).

Esta falta de apoio à *Latino-Americana* a que o texto faz referência, de resposta positiva às suas solicitações junto do Estado, pode ter sido uma das causas do seu rápido encerramento. Contudo, a reduzida duração do empreendimento não pode suplantiar o pioneirismo e relevância do mesmo. Entre Outubro de 1921 e Dezembro de 1922, a *Agência Latino-Americana*

teve uma presença constante e efectiva nos jornais portugueses (Tabela 2)¹⁹, rivalizando com as demais agências de notícias que operavam em Portugal.

O período de actividade da *Agência Latino-Americana* foi muito reduzido, é verdade, mas isso não apaga o facto de ter sido primeira agência de notícias de serviço internacional exclusivamente portuguesa, fundada com capitais portugueses, tal como nos informam as notícias d’*O Século* (1921, 04 de outubro) e d’*A Capital* (1921, 05 de dezembro).

A misteriosa *Lusitânia*

Ao estudar as agências de notícias portuguesas é comum e natural depararmo-nos com o nome *Lusitânia*, uma vez que é essa a designação da agência que longamente foi assumida como sendo a primeira agência de notícias portuguesa, como já referimos: a *Lusitânia* de Luís Lupi, criada em 1944. No entanto, um olhar atento pelos jornais dos anos 20 do século XX faz-nos perceber que cerca de 20 anos antes da *Lusitânia* de Lupi, existia já uma outra... bem mais misteriosa.

O nosso primeiro contacto com esta denominação ocorreu através das notícias da descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon (Figura 3), pois a *Lusitânia* é a segunda maior fornecedora de notícias logo depois da *Radio* (Tabela 1).

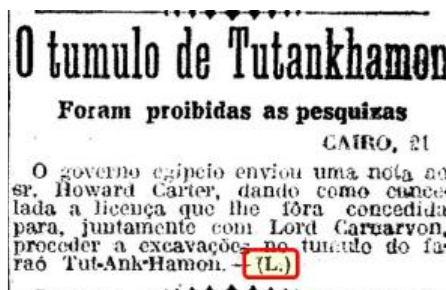
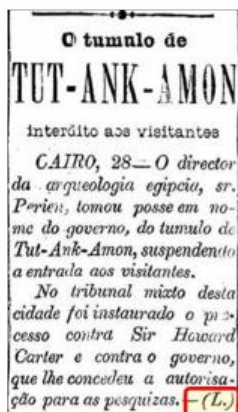


Figura 13
Notícias sobre a descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon da ‘agência’ *Lusitânia*
Fonte: Vários jornais nacionais



19 Para uma análise mais detalhada da presença da *Latino-Americana* nos jornais portugueses ver Sales & Mota, 2020.



Figura 14
 Secção de notícias telegráficas do jornal *A Tarde* de 5 de Janeiro de 1924
 Fonte: Jornal *A Tarde* (1924, 05 de janeiro)

Na posterior contabilização realizada às agências presentes n’*A Capital* e no *Diário de Lisboa*, a *Lusitânia* assume, a partir de 1923, uma posição de grande destaque (Tabela 2). Através desta análise percebemos também que esta agência começa a aparecer em Agosto de 1923 e, pelo menos no *Diário de Lisboa*, está presente até à década de 1930.

Infelizmente, apesar de a sua evidente relevância para os jornais da época — e para o nosso projecto —, pouco mais podemos dizer sobre a *Lusitânia*. Não sabemos, inclusivamente, se é correcto chamar-lhe agência de notícias, apesar de sabermos que fazia chegar aos jornais portugueses telegramas do estrangeiro (Figura 14).

A bibliografia da especialidade é totalmente omissa e, neste caso, nem os jornais da época por nós compulsados acrescentam qualquer informação adicional. Sabemos que houve uma *Lusitânia* antes da *Lusitânia*. Sabemos que desde meados de 1923 ela teve uma forte e constante presença nos jornais portugueses. E mais não sabemos.

Conclusão

Num expressivo exemplo de interdisciplinaridade, o Projecto de Investigação *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*, na área dos estudos da recepção do antigo Egipto, considerando a natureza das suas fontes — os jornais e revistas portuguesas —, exigiu um aprofundamento do conhecimento sobre o funcionamento dos periódicos nacionais, em particular no domínio das agências telegráficas ou de notícias.

Ao entrar nesta área, deparámo-nos com um conjunto de incongruências entre aquilo que é publicado na bibliografia da especialidade e aquilo que os próprios jornais nos mostram. Assim, sentimos a necessidade de, mais do que apenas aprofundar conhecimento, ajudar a gerar novas ideias e novo saber. Desta forma e tendo recorrido, uma vez mais, aos próprios jornais enquanto fonte de informação, foi-nos possível reunir um conjunto de elementos sobre as agências de notícias, portuguesas e estrangeiras, que actuavam em Portugal durante a década de 20 do século XX. Sendo que as conclusões essenciais resultantes desta investigação podem ser resumidas em duas frases:

No domínio das agências estrangeiras, a *Havas* foi, de facto, a primeira a chegar a Portugal, não sendo, todavia, a única com a qual os jornais portugueses trabalhavam nessa altura, pois é possível identificar ainda a agência americana *United Press* e a agência brasileira *Americana*.

No domínio das agências portuguesas, todos os dados apontam para que a primeira agência nacional não seja a *Lusitânia* criada em 1944, mas sim a *Latino-Americana*, fundada por Virgínia Quaresma em 1921, sem esquecer, ainda, a existência da problemática agência *Radio* e da misteriosa primeira *Lusitânia*.

Referências bibliográficas

- Batista, J. (Ed.). (2007). *Agências de notícias de Portugal*. Lusa — Agência de notícias de Portugal, SA.
- Castro, R.O.A.P. (2013). *Agências de notícias: o caso da Lusa* [Relatório de estágio, Faculdade de Letras, Universidade do Porto]. Repositório Institucional da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/72097>
- Crato, N. (1992). *A Imprensa. Iniciação ao jornalismo e à comunicação social* — I. Editorial Presença.
- Fonseca, W. (1995). *À Sombra do Poder. A História da Lusitânia. 1944-1974*. Edições Memórias do Tempo.
- Fonseca, W. & Carvalho, M. (2017). Para a história do jornalismo de agência em Portugal. *Revista Portuguesa de História da Comunicação*, 1, 69-79. SOPCOM — Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. http://revistahc.sopcom.pt/ficheiros/20170909-wilton_fonseca_e_m_rio_de_carvalho.pdf
- Fonseca, W. (2019). *Da Monarquia ao Estado Novo: Agências noticiosas de Portugal*. Perfil Criativo.
- Hawass, Z. (2006). *The golden king. The world of Tutankhamun*. The American University in Cairo Press.
- Lemos, M.M. (2006). *Jornais Diários Portugueses do Século XX*. Ariadne Editora/Ceis 20.
- Miranda, P. (2014). Agência de notícias. In M. F. Rollo, (Ed.), *Dicionário de História da I República e do Republicanismo* (Vol. I: A-E, pp. 37-40). Assembleia da República.
- Miranda, P. (2005). *O jornalismo em Portugal. Elementos para a arqueologia de uma profissão (1865-1925)* [Tese de Doutoramento, Universidade de Évora.
- Paramés, J. (2013). *Sobroso. Baluarte histórico de Galicia (Siglo XI)*. Vilasobroso.
- Reeves, N. (2000). *Ancient Egypt. The great discoveries. A year-by-year chronicle*. Thames & Hudson.
- Sales, J. & Mota, S. (2020). Agência Latino-Americana: um contributo para a história das agências de notícias em Portugal. In C. Baptista, J. P. Sousa (Eds.), *Para uma História do Jornalismo em Portugal* (pp. 285-311). Livros ICNOVA. <https://www.icnova.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/38/2020/05/Para-uma-histo%C3%81ria-do-jornalismo-em-Portugal-2020.pdf>
- Sales, J. & Mota, S. (2019a). Ler Jornais. Aprender História. A Descoberta do Túmulo do Faraó Tutankhamon na Imprensa Portuguesa. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 18 (32), pp. 292-302. Comunicação e história: relações conexões e comparações. <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/1612/678>
- Sales, J. & Mota, S. (2019b). ‘Tutankhamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922-1939)’: Como um projecto de Recepção da Antiguidade pode contribuir para fazer História da Comunicação em Portugal. In A. R. Rêgo, J. Guillaumet, A. Hohlfeldt, A. P. Rodríguez, M. B. Machado, J. P. Sousa (Eds.), *Os desafios da pesquisa em história da comunicação: entre a historicidade e as lacunas da historiografia*, pp. 651-682. Edipurs. <https://books.google.pt/books?id=VLiZDwAAQBAJ&lp=PP1&hl=pt-PT&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>
- Sales, J. & Mota, S. (2018a). A Agência Radio e a Lusitânia: Contributos para o estudo das agências noticiosas em Portugal. In H. Lima, A.I. Reis, P. Costa (Eds.), *Comunicación y Espectáculo. Actas del XV Congreso de la Asociación de Historiadores de la Comunicación*, pp. 978-991. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=721692&fbclid=IwAR1rlcGi8omT4E7SFEseapvC9lQZiXHUu3RrgByHX2BIot1tgoPlmS-UXhE>
- Sales, J. & Mota, S. (2018b). Alejo Carrera Muñoz (1893-1967): Uma vida contada pelos jornais. In H. Lima, A.I. Reis, P. Costa (Eds.), *Comunicación y Espectáculo. Actas del XV Congreso de la Asociación de Historiadores de la Comunicación*, pp. 613-627. Universidade do Porto. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=721692&fbclid=IwAR1rlcGi8omT4E7SFEseapvC9lQZiXHUu3RrgByHX2BIot1tgoPlmS-UXhE>
- Sales, J. & Mota, S. (2018c). A Agência Radio de Alejo Carrera Muñoz: Contributos para a história das agências de notícias em Portugal (anos 20 e 30 do séc. XX). *Revista Portuguesa de História da Comunicação*, 2, pp. 91-107, SOPCOM — Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação,. http://www.revistahc.sopcom.pt/ficheiros/20180130-jos__das_candeias_sales_e_susana_mota.pdf
- Silva, S. (2002). *Contributo para uma história das agências nacionais portuguesas*. In <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-sonia-agencias-noticiosas-portugal.html>
- Unesco (1953). *Les Agences télégraphiques d'information*. <<http://unesdoc.Unesco.org/images/0007/000734/073446eo.pdf>> ().

Fontes Periódicas

Jornais portugueses

- A Capital: Diário republicano da noite*
(<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/ACapital.HTM>)
- A Tarde*
(disponível online na rede interna da Biblioteca Nacional: <http://purl.pt/24303>)
- A Vanguarda*
(disponível em papel na Biblioteca Nacional, quota FP 167)
- Correio da Manhã*
(disponível em papel na Biblioteca Nacional, quota J2988 G)
- Diário de Lisboa*
(http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/)
- Imprensa Nova*
(disponível em papel na Biblioteca Nacional, quota J 4207 G | J 1824 G)
- O Comércio do Porto*
(disponível em papel na Biblioteca Nacional, quota J 2423 M. | F 5700)
- O Comércio do Porto — Edição da Tarde*
(disponível em papel na Biblioteca Nacional, quota J 2423 M)
- O Século*
(em microfilme na Biblioteca Nacional [FP148])

Jornais brasileiros

- O Paiz*
(<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/paiz/178691>)
- A Notícia*
(<http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/noticia/830380>)

Outras

- Anuario Commercial De Portugal Ilhas e Ultramar* [Anuário Comercial] (disponível na Biblioteca Nacional, em microfilme até 1920, e em papel nos anos seguintes; quota P.P. 207 V.)